

C I N E M A

documentários

Augusto
Machado
Franco

Seria extraordinário o papel desempenhado pelos documentários numa orgânica social em que o cinema fôsse aquilo para que as suas características o talharam, isto é, o órgão adequado à informação das multidões.

O seu carácter essencialmente realista, a sua objectividade intensa, permitir-lhe-iam trazer ante os nossos olhos tudo o que pudesse de alguma forma informar-nos sobre um melhor arranjo dos valores sociais.

Mas as grossas correntes a que os documentários, como de resto todo o cinema, estão sujeitos não lhes permite mostrar-nos mais do que aquilo que actualmente vemos: passagens de modelos, exposições de cães e exhibições de chefes de estado.

Raros são os documentários em que se faz uma colheita honesta de acontecimentos ou de condições de vida dos povos, que sejam capazes de fornecer ao espectador material para um juízo perfeito dos assuntos abordados.

Ainda ultimamente vimos um documentário sobre Tóquio em que a cidade era mostrada apenas sobre o seu lado monumental e pitoresco. Grandes edifícios, pontes e jardins encantadores, a policromia dos trajes, dos anúncios e das flores, mas só isto. As deficientes condições sociais dum povo que, obsecado por seculares tradições de fanatismo religioso e militarista, se combate a si próprio combatendo um povo irmão, tudo isso é cuidadosamente arredado da máquina.

Só muito raras vezes o documentário se consegue emancipar da sua prisão, e então é capaz de nos dar uma visão integral e sem «parti-pris» dum determinado meio.

Num filme sobre Nova York que vimos na mesma semana eram filmadas as magníficas obras de engenharia que rodeiam e enchem a grande cidade, os gigantescos arranha-céus de Manhattam, o «Empire State Building» e toda a civilização dum povo que conta as maiores fortunas do mundo.

Mas N. Y. não é só isto. N. Y. é a primeira cidade dum país que tem milhões de desempregados. Em N. Y. também se morre de fome e de frio. E então a máquina desloca-se e mostra-nos «Dead End», os bairros pobres, feitos de lata e caixotes, onde as crianças vagueiam com um olhar triste, procurando nos montes de entulho alguma maçã podre respeitada pelos ratos.

E' em curtas imagens que isto se vê. Em todo o caso elas bastam para fazer surgir no espírito do espectador um esboço de crítica social.

Evidentemente que não queremos que o documentário faça exclusivamente a reportagem das misérias sociais. Queremos apenas que abandone o culto do sensacional, a caça ao pitoresco e todo este estilo «à sensation» que o caracteriza actualmente, para se ocupar de assuntos que possam contribuir para a melhoria da humanidade.

FERNANDO SEABRA

c r í t i c a

(Continuação da página anterior)

mente influiu e que consiste essencialmente na instabilidade dos empregos honestos. Por toda a parte o desemprego e a crise, as dificuldades da vida, o *struggle for life* determinando a falência dos pequenos estabelecimentos ou então as solicitações constantes dos superiores que *compram* empregadas a que pretendem exigir mais do que aptidões profissionais... Assim a autora falhou absolutamente para a vida amorosa, porque o procedimento de certos homens a levou à convicção, que ge-

neralizou, de que todos pretendiam apenas o seu corpo e de que o amor era um contacto vicioso e, por vezes, cruel. «Acreditava que o dom de mim mesma era a moeda que precisava de pagar para obter a companhia e a amizade dos homens (pág. 101)». Ao lado da sua vida falhada, passam outras vidas localizadas diferentemente mas com dramas semelhantes. Os dois operários vindos do País de Gales, um deles tuberculoso, ex-mineiros que compartilhavam o mesmo leito, porque

um trabalhava de dia, outro de noite. Alys que corra o mundo e vivia de expedientes. O pederasta Vernon. Os doentes duma epidemia de sarampo em promiscuidade de idades e de sexos num hospital...

As cenas que se desenrolam durante a permanência de Sheila no hospital (por motivo de parto—a criança, abandonada, morreu na epidemia) são duma intensidade e, ao mesmo tempo, duma serenidade e clareza que revelam um verdadeiro temperamento de escritora. E' curioso notar que S. C. não apresenta, através o seu livro, aquela exaltação e desarranjo nervoso que seria de esperar duma mulher da sua condição. Toca por vezes a impassibilidade, a indiferença e não raramente atinge uma grande beleza literária, com um surpreendente poder de síntese na descrição.

C. RELVAS

—«Galléus» é o título dum romance que o nosso camarada Alves Redol tem prestes a sair. O autor pretende fazer com ele um documento humano da vida ribatejana. Galléus é a designação por que são conhecidos os emigrantes que vão para as lezírias trabalhar. A acção desenvolve-se na ceifa do arroz. Alves Redol promete-nos um romance colectivo onde perpassa toda a tragédia do rancho e não apenas uma história de casos isolados.

—O «Comité Franco-Espagnol» publicou um pequeno trabalho sobre «Durango, ville martyre».

—Um excelente elemento que elucida e ajuda a compreender os actuais acontecimentos: «Le Pétrôle et la Guerre» de Raymond A. Dior. E' um n.º especial da revista «Crapouillot» e custa 15 fr.

—René Maublanc é o autor do 1.º fascículo da colecção «Paix et Liberté», que se intitula «Bilan du Front Populaire» (1 fr.).

—Na colecção «L'Avenir de la Science», que é próprio dirige, publicou Jean Rostand um novo trabalho: «Biologie et médecine» (N. R. F. — 25 fr.).

—Editado por «La Technique du Livre», saiu ultimamente um livro de Marcelino Domingo sobre a guerra de Espanha: «El mundo ante España, Mexico, ejemplo».

—Na «Bibliothèque de la Pléiade», da N. R. F., apareceu a importante obra «Journal» (1889-1939) de André Gide (130 fr.).

«O Diabo»

Grande semanário de literatura e crítica.

Publica em todos os números: Ensaios, literatura de ficção, páginas de an'ologia, movimento de ideias, cultura científica, economia; crítica de livros, teatro, artes plásticas, cinema, rádio e desportos; Revista das revistas, revista de livros, «Coisas de...» «O Diabo», etc.